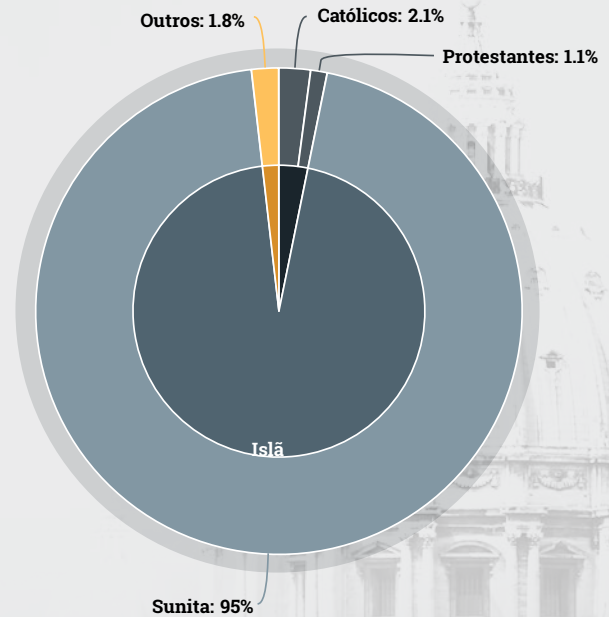
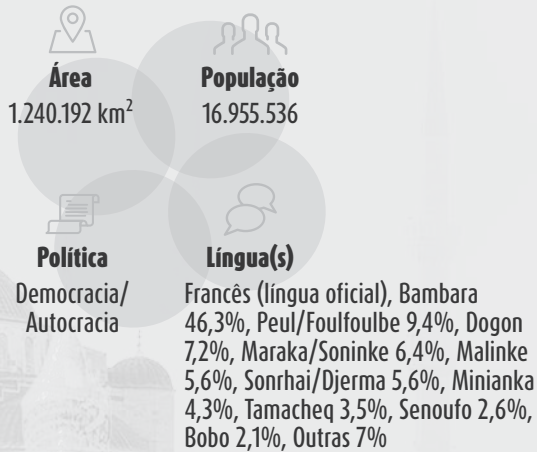


Mali



Durante o período em análise, a situação de segurança no Mali permaneceu altamente instável. Isto representa um problema não menos importante para as minorias religiosas, que cobrem geograficamente uma grande área, um estado do Sahel que se estende pelo Saara e as regiões subtropicais. O Mali entrou numa situação de caos em março de 2012 após um golpe de Estado do exército. Quando islamitas jihadistas e grupos rebeldes ameaçaram invadir todo o país, França, antiga governante colonial no Mali até 1960, interveio militarmente.^[1] No início de 2013, unidades francesas, apoiadas por tropas africanas, recapturaram o norte do país. Os Franceses mais tarde entregaram a responsabilidade da missão às forças da ONU, MINUSMA. Contudo, a França ainda mantém uma unidade antiterrorismo forte no Mali. Em 15 de maio de 2015, o Governo do Mali e uma parte dos grupos insurgentes armados assinaram um acordo de paz em Bamako. Outros grupos que procuravam a independência assinaram um acordo em junho de 2015.^[2] O recém-criado Ministério da Reconciliação de Desenvolvimento do Norte procura promover a reconciliação entre todos os grupos étnicos do país. Embora o sul seja considerado relativamente seguro, a situação no norte permanece vulnerável a ataques de grupos terroristas ligados a operações de contrabando na região. Na altura em que escrevemos, organizações islamitas como a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM na sigla inglesa) continuam aterrorizando a região. E veem

igualmente a presença das Nações Unidas como um risco para as suas atividades criminais.^[3]

Neste país predominantemente muçulmano, a maior parte dos seguidores do Islamismo são sunitas. Cerca de 5% da população são membros de outras comunidades religiosas. Destes, cerca de dois terços são católicos e os restantes são protestantes. Há também seguidores das religiões africanas tradicionais. Alguns muçulmanos e cristãos incorporam tradições autóctones na prática da sua própria fé.^[4]

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A Constituição do país, considerada uma das mais liberais no mundo muçulmano, define o Mali como um estado secular que garante iguais direitos a todos os cidadãos, independentemente da religião.^[5] O carácter secular do estado está consagrado no artigo 2º da Constituição de 1992: “Todos os malianos nascem e vivem livres e iguais nos seus direitos e deveres. Qualquer

[1] <http://www.bbc.com/news/world-africa-13881371>

[2] http://www.auswaertiges-amt.de/sid_1B61934C333D83BB64C2404E47D73D07/DE/Aussenpolitik/Laender/Laenderinfos/Mali/Innenpolitik_node.html (acessado em Abril de 2016).

[3] <http://www.dw.com/de/bundeswehr-bald-im-gef%C3%A4hrlichen-norden-von-mali/a-19166952>

[4] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: Relatório da Liberdade Religiosa Internacional 2014.

[5] <http://www.wipo.int/edocs/lexdocs/laws/en/ml/ml004en.pdf>

discriminação baseada na origem social, cor, língua, raça, sexo, religião ou opinião política é proibida.” Além disso, o artigo 4º afirma: “Cada pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência, religião, culto, opinião, expressão e criação perante a lei.” O artigo 25º especifica: “O Mali é uma república independente, soberana, indivisível, democrática, secular, social.”

A Constituição garante assim clara e inequivocamente o direito ao livre exercício da fé, juntamente com o direito à expressão da fé através da participação individual ou comunitária em atos de culto. Nos debates de agosto de 1991, que ocorreram antes da elaboração e ratificação da Constituição, houve algumas vozes discordantes falando a favor de um estado religioso islâmico, mas não conseguiram ganhar terreno.

A lei criminal também segue esta abordagem liberal básica. Segundo a lei criminal, cada forma de discriminação baseada na religião é punível por lei, tal como o são as violações do direito ao livre exercício da religião.^[6]

INCIDENTES

A situação no norte do Mali para a população civil e para as minorias religiosas em particular mantém-se difícil. Os que ainda não fugiram vivem frequentemente em constante medo. Numa entrevista à ACN (Ajuda à Igreja que Sofre) em 21 de abril de 2016, o sacerdote católico Padre Germain da Diocese de Mopti, no centro do Mali, relatou a situação tensa que os cristãos enfrentam nas cidades de Gao e Tombuctu no norte, onde a Igreja tem estado numa situação precária desde o conflito de 2012.^[7] O Padre Germain disse: “Há homens bombas e são deixadas bombas em todo o lado. Todo o trabalho pastoral está suspenso por enquanto. O único sacerdote, que vai até lá de vez em quando para celebrar Missa, tem que sair de avião com um guarda armado. Porque se for de carro, leva um dia inteiro, pois deve percorrer distâncias de pelo menos 600 a 700 km. E não há possibilidade de residir lá permanentemente. Ninguém controla nada. Seja cristão ou não, todos podem ser atingidos pelo mesmo bastão.”

Ao falar de maneira otimista, o sacerdote disse que os cristãos e os muçulmanos vivem pacificamente “lado a lado” e que a rebelião não teve motivações religiosas, como alguns sugeriram, mas sim no desejo de independência da região de Azawad, no norte. E acrescentou: “Há dois tipos de jihadistas com duas visões diferentes: Há os que se juntaram aos rebeldes para obterem a independência de Azawad e há os que querem tornar todo o Mali islâmico. Aliás, estão em campos totalmente opostos.”

O sacerdote disse ainda que os proponentes da lei da sharia no Mali “foram derrotados”, que alguns foram mortos, outros fugiram para os países vizinhos, mas alguns ainda estão no país. Estes, disse, estão ligados aos contínuos bombardeamentos e ataques suicidas.

[6] <https://de.zenit.org/articles/christen-in-mali-pater-germain-im-gespraech/>

[7] <https://de.zenit.org/articles/christen-in-mali-pater-germain-im-gespraech/>

Apesar do grande sofrimento, a vida cristã consegue prosperar em algumas áreas do Mali. O Padre Germain relatou que em 2015 na sua diocese houve 1.400 batismos, mais que o dobro do número em 2012. Disse que havia várias conversões ao Catolicismo por parte de seguidores de religiões tradicionais. Disse também que o número de vocações na sua diocese estava igualmente a aumentar.

Os cristãos são constantemente atacados por extremistas, incluindo no sul do país. De acordo com o Departamento de Estado Norte-Americano, em 28 de setembro de 2014, três homens entraram na Igreja Católica de Banakabougou, no distrito de Bamako, e ameaçaram os crentes que se reuniam para a Missa.^[8] A polícia conseguiu deter um dos homens. No entanto, o caso nunca chegou a tribunal, pois o agressor foi classificado como doente mental.

Em maio de 2014, jovens atiraram pedras em cristãos em Niamakoro, também localizado no distrito de Bamako. Três suspeitos foram detidos e acusados de violação da liberdade religiosa. O caso foi levado ao tribunal em setembro de 2014. Em 10 de novembro de 2014, os três infratores foram considerados culpados e condenados a três meses de prisão.^[9]

Em agosto de 2014, antes de terem reiniciado as conversações de paz na Argélia entre o Governo e os grupos rebeldes, líderes religiosos muçulmanos e católicos falaram contra as interpretações violentas da lei islâmica. Os representantes de diferentes credos “apelaram em conjunto pela paz entre todos os muçulmanos e organizaram orações nacionais pela paz.”^[10]

Os líderes muçulmanos e cristãos condenam muitas vezes a violência à qual estão expostos os cristãos, mas frequentemente também os muçulmanos moderados. Ao fazê-lo, defendem a longa tradição de coexistência pacífica no Mali de diferentes religiões e denominações.

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

No Mali, à semelhança de muitos outros países da África Ocidental, as questões relacionadas com a liberdade religiosa estão estreitamente ligadas à situação de segurança em desenvolvimento. Se o jihadismo e a criminalidade associada puderem ser combatidos, é provável que a situação da minoria cristã melhore. A coexistência religiosa tem uma longa tradição no Mali e ainda é praticada em muitas partes do país, apesar da violência. Nesse sentido, a reconciliação se mantém como uma opção viável. O Padre Germain disse: “A Igreja Católica deve aumentar a consciência das pessoas, dizendo-lhes que, apesar dos erros cometidos, o mundo ainda está girando.”^[11]

[8] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: Relatório da Liberdade Religiosa Internacional 2014.

[9] *ibidem*.

[10] *ibidem*.

[11] <https://de.zenit.org/articles/christen-in-mali-pater-germain-im-gespraech/>